

# Análise Crítica da Antropologia do Materialismo Dialético

L. Weingaertner

Não é possível encararmos o comunismo como sendo simplesmente um sistema econômico diferente. Querer discutir o marxismo no nível das vantagens e desvantagens sócio-econômicas, seria ignorar a sua verdadeira natureza. O segrêdo do hipnotismo que o marxismo exerce sôbre espíritos primitivos talvez consista na promessa de vantagens econômicas e sociais imediatas — mas os intelectuais: estudantes, médicos, professôres, advogados, que em número crescente mostram a sua simpatia pelo sistema soviético — eles não ignoram que os progressos alcançados atrás da cortina de ferro não podem ser creditados em favor de um sistema econômico melhor, pois na maior parte do mundo ocidental o progresso científico e econômico se processa com a mesma rapidez e é simplesmente uma consequência da éra da máquina em que vivemos.

Não ignoram que a situação do operário nos países comunistas não é melhor do que nos países ocidentais e que os progressos indubitavelmente alcançados foram pagos com alto preço.

Julgamos que o verdadeiro segrêdo da atração do credo marxista não se explique pelos sucessos políticos, econômicos e científicos do povo soviético, mas que o segrêdo está na própria doutrina comunista, melhor em sua ideologia, seu credo, suas raízes filosóficas. O marxismo não é um sistema econômico comparável ao capitalismo, ou ao cooperativismo, ou ao liberalismo — onde os fatores pragmáticos têm franca prerrogativa sôbre os ideológicos. O materialismo dialético é um sistema primariamente ideológico, de uma lógica intrínseca sem precedentes, que nunca negará as suas premissas filosóficas, porque com estas cairia o sistema inteiro. Estes fatos, que procuraremos desdobrar em seguida, transformam o comunismo em uma espécie de religião secular, com numerosas características próprias ao cristianismo (p. ex. a sua luta pela justiça social).

Um observador sagaz afirma que representa o Islã do século vinte, que se põe a conquistar o mundo com o mesmo fervor missionário que caracterizou os discípulos de Maomé.

Mas — uma religião materialista — uma religião sem Deus, sem alma, sem eternidade? A própria definição não é algo de contraditório? Façamos um breve estudo das origens históricas do comunismo, para chegarmos a uma idéia mais concisa a respeito da verdadeira natureza do fenômeno.

Karl Marx e Friedrich Engels, os criadores do materialismo dialético, não lançaram a sua doutrina no vácuo, nem a criaram do nada. Ambos foram filhos de sua época, do século 19, no qual um verdadeiro turbilhão de idéias novas e ousadas punha em dúvida as estruturas espirituais, políticas e sociais de quase todos os países da Europa.

O racionalismo, com suas tendências materialistas e positivistas, tinha penetrado em vastas camadas da população — não somente dos intelectuais, mas também dos homens simples e iletrados. As igrejas cristãs achavam-se em flagrante crise; não puderam impedir que o espírito racionalista penetrasse em suas próprias fileiras.

Karl Marx, filho de um advogado judaico-alemão, nascido em 1818, em Trier, no extremo oeste da Alemanha, cedo sofreu a influência das idéias revolucionárias sócio-econômicas — (herança da revolução francesa, reavivada pela situação deplorável do proletariado) — que combatiam a ordem feudal de sua época. Espírito sagaz e irreverente, desfez-se por completo da herança judaica e da influência cristã de seu ambiente na Alemanha. Tornou-se um jornalista combativo, versado em problemas econômicos, um dos muitos homens públicos que se revoltaram contra as condições sociais indescritíveis dos operários e dos agricultores semi-esclavizados. (Um detalhe que é de interesse histórico para muitos brasileiros de origem teutônica: Marx voltou-se radicalmente ao comunismo, após ter estudado a miséria em que viviam os agricultores da região do rio Mosel (pelo ano de 1846). Esta mesma miséria forçou os antepassados de muitos de nós a emigrarem para o Brasil. Meus próprios antepassados, p. ex. abandonaram as margens do rio Mosel no mesmo ano em que Marx fez nesta região o seu estudo sociológico, que teria conseqüências históricas de tão grande alcance).

Homem douto, Marx se considerava pertencente à escola hegeliana — melhor, à ala esquerda dos adeptos do grande filósofo alemão que não admitiam uma interpretação idealista do mestre, mas que o interpretavam mais de maneira positivista. Assim o novel revolucionário adotou o esquema terminológico do grande pensador, adaptando-o às suas necessidades específicas e transformando-o em um instrumento eficiente da revolução mundial.

Mas como é possível que o sistema do grande filósofo metafísico tenha servido de instrumento ao revolucionário materialista? Hegel partia do «Espírito Absoluto» — do «Espírito Universal» — era capaz de falar como um teólogo cristão, ensinando que um Ser Supremo era a origem do cosmo, que as leis que regiam o mundo, a história, a evolução da humanidade, estavam radicadas naquele Espírito Absoluto! (=Deus). O homem, inteirando-se daquelas leis, daquela ordem metafísica prestabelecida, era libertado de suas limitações. Tomava parte, por assim dizer, da auto-revelação, do auto-desdobramento do Espírito Absoluto. O homem se tornava livre, por conhecer a sua verdadeira origem, por assumir

o lugar que lhe competia na ordem universal. A criatura humana continuava criatura, continuava ligada a um todo, do qual dependia e sem o qual não teria existência.

E' impossível conceber a filosofia hegeliana, ignorando as categorias metafísicas — expressas ou de forma teológica (Deus, ente supremo), ou filosófica (destino, Espírito Universal). O processo dialético (evolução na forma de tese, antítese e síntese) é algo que acontece com o mundo, com a história, com o homem. O homem não é sujeito, é objeto desta evolução. Num grandioso sistema, êste filósofo de espírito universal procurou resumir a verdadeira essência tanto da filosofia como da religião do mundo ocidental, tentando reconciliar religião e ciência, fé e saber, especulação metafísica e estudo científico baseado na observação de fenômenos concretos.

Tornamos a perguntar: — De que modo se explica que Marx — proclamando-se materialista — tenha conseguido servir-se do esquema básico de um pensador metafísico e teológico? — Que até o dia de hoje o comunismo opera com êste esquema, proclamando que a sua vitória não pode ser impedida, por estar garantida pelo processo dialético inerente à própria história da humanidade?

Para compreendermos êste aparente paradoxo, precisamos conhecer outro pensador, contemporâneo de Marx e Engels, e por sua vez discípulos de Hegel: Trata-se de Ludwig Feuerbach, que no início de sua carreira estudara teologia, para transformar-se, lentamente, em filósofo materialista por excelência. (Êle é autor da célebre frase: *Der Mensch ist, was er isst* — o homem é o que come). Foi Ludwig Feuerbach que substituiu o pensamento teológico de Hegel por categorias puramente antropológicas — o que equivale a dizer — materialistas, já que o homem «é o que come». O Espírito Absoluto de Hegel para Feuerbach chega a ser o próprio homem — o homem como ser material independente e autônomo. Diz êle: Deus foi o meu primeiro pensamento. O segundo foi a razão. O terceiro e último foi o próprio homem. — Hegel dissera que Deus é o «*Ens realissimum*». Feuerbach define o homem com a mesma designação. Tornou-se em seu país o arauto de um positivismo antropocêntrico, com tendências anti-idealistas, anti-metafísicas, anti-religiosas. Com referência à religião julgou ter feito a descoberta revolucionária de que tanto os deuses do paganismo como o Deus dos cristãos representam criações do espírito subjetivo do homem, desejos personificados, projeções metafísicas de suas próprias ambições — que êle mesmo é incapaz de realizar. Para Feuerbach, a «essência do Cristianismo» (título de uma obra sua) consiste justamente na tentativa de o homem, em vez de resolver êle próprio os seus problemas básicos, os projeta para um mundo irreal, deixando-os a cargo de Deus, e livrando-se assim de uma tarefa que considera superior à sua capacidade humana.

Para Marx e Engels o encontro com Feuerbach foi simplesmente decisivo. Engels, em sua juventude fôra cristão evangélico devoto, de orientação pietista. Chegara ao ponto de compor poesias religiosas que expressavam fervoroso amor a Jesus. Após a publicação da obra de Feuerbach: — A essência do cristianismo — o último vestígio de fé cristã se devaneceu. De acôrdo com o próprio testemunho de Marx, ambos se tornavam adeptos incondicionais do teólogo materialista e de sua teologia sem Deus. O próprio Marx estudou profundamente as obras de Lutero, que para êle representava o homem religioso por excelência (em Lutero a religião é «natureza») para provar a teoria de Feuerbach, de que a religião é a tentativa do homem de escapar de sua tarefa, legando-a a um ser superior que considera onipotente. «Por êste RIO DE FOGO» (Feuerbach) todos terão de passar». E' de Feuerbach que o materialismo dialético recebeu a sua componente anti-religiosa (anti — não só no sentido de «contra», mas no sentido original de «substituto»). Partindo das premissas do referido pensador materialista, realmente a religião não pode ser outra coisa, a não ser «ópio para o povo». Tanto Feuerbach como Marx e Engels por assim dizer viraram a doutrina de Hegel «de pernas para o ar», usando apenas o seu arsenal dialético, para pô-lo a serviço do homem autônomo — autor de si mesmo. (Marx: o homem é o resultado do trabalho do homem). Como Hegel, também Marx quer conduzir o homem à liberdade, porém não levando-o a aceitar uma ordem externa, preestabelecida, mas induzindo-o a criar êle mesmo a SUA ordem: «Só o homem que se compreende a si mesmo como criador (causa sui), é completamente livre». — Nada mais lógico de que com esta concepção da natureza do homem, Marx tinha de chegar ao resultado de que «a crítica da religião é a premissa de qualquer crítica».

A doutrina cristã afirma: — Deus é o Criador do homem. Marx ensina que a raiz do homem é o próprio homem — que êle é o seu próprio senhor. O homem não é objeto, é sujeito. Único sujeito. A matéria (e o homem é matéria) pensa, sente, deseja. Nada mais existe além desta realidade material, pela qual se originam tôdas as modificações na história. Em sua concepção da subjetividade do homem, Marx ultrapassa o próprio Feuerbach, declarando que o problema do homem não é tanto o conhecimento de sua qualidade de sujeito — mas a sua ação como sujeito. Na 11. tese sôbre Feuerbach, Marx diz o seguinte: — «O que fizeram os filósofos, foi interpretar o mundo de maneiras diversas. O que importa, porém, é que o mundo seja modificado».

Aqui temos, pois, a verdadeira essência da doutrina marxista: o homem como sujeito, como criador de seu mundo, sim, como criador de si mesmo, põe-se a agir, para modificar o mundo. Dadas as circunstâncias, a forma de ação dêste homem-criador só pode consistir na própria revolução. — «A revolução não só é necessária, por não ser possível derrubar a classe reinante de outra maneira, mas porque a classe que derruba, só pela revolução pode chegar ao ponto de livrar-se

de toda a sujeira acumulada (sich von dem ganzen alten Dreck befreien)». Das próprias condições econômicas e sociais resulta que o proletariado tem a missão histórica de conquistar o poder de destruir as classes exploradoras — com o determinismo que caracteriza o processo dialético. O comunismo, a sociedade sem classes, permitirá pela primeira vez que todas as qualidades inerentes à natureza humana se desenvolvam harmoniosamente. Nesta sociedade sem classes o homem não terá mais a necessidade de criar religiões e filosofias que só o conduzem a uma liberdade imaginária. O comunismo o liberta realmente — materialmente — força o advento de uma situação que torna supérflua a libertação abstrata. Sendo as imperfeições humanas obra do próprio homem (e as imperfeições, segundo Feuerbach, são as origens das religiões), é claro que deverá ser obra do próprio homem a criação de um mundo isento das mesmas. Não deixará esta tarefa «por conta de Deus». Deus — num mundo perfeito, que o comunismo haverá de criar — será perfeitamente supérfluo.

Teremos verificado que o marxismo não se limita a combater a religião. Ele quer substituí-la, quer satisfazer as aspirações do homem religioso — de maneira direta, material. Não admira que um sistema concebido para substituir a religião tenha uma tendência a tornar-se por sua vez «religião», a criar formas análogas às da igreja cristã. O credo marxista é um credo sem Deus, é uma religião do homem — no qual o trono vazio do Criador é ocupado pelo próprio homem — que passa a ser o criador de si mesmo, a criador de seu próprio paraíso.

O marxista, portanto, é um verdadeiro CRENTE. Ele professa uma fé, baseia-se num dogma definido, que é interpretado pelos próceres da teoria marxista — os teólogos da religião sem Deus. Há os ortodoxos — e os sectários. Há o fervor missionário, que faz o comunista confesso abrir mão de privilégios e sacrificar-se pela causa.

Este missionário marxista quer converter, quer conquistar toda a personalidade, quer a alma do homem. O recém-convertido confessa os seus «pecados», faz profissão de fé e promete fidelidade ao partido (à comunidade, à igreja...) «Tornei-me um novo homem. Passarei a viver só para as massas». Há o céu (a sociedade sem classes) e o inferno (o expurgo, ou em casos extremos — o extermínio). Há solenidades que substituem batismo, confirmação, bênção matrimonial, ofício fúnebre. Realizam-se verdadeiros cultos — horas de doutrinação intensiva, destinadas a fortalecer a fé dos participantes. Ser comunista confesso exclui a possibilidade de alguém ter OUTRA FÉ. O materialismo dialético é exclusivista — ele quer a alma do homem, não se contenta em governá-lo.

Mas se esta fôr a intenção do comunismo — por que está formando este formidável bloco de poder? Terá o marxismo trocado os seus ideais primitivos por uma política imperialista, pelo simples poder? Bombas de hidrogênio serão argumentos que con-

vencem? Destruindo a humanidade — como pode o marxismo convertê-la? Certamente êle não intenciona a destruição da humanidade — mas apenas «dos inimigos desta». Destruído o poder antagônico, os homens serão convencidos pela nova situação. Os fatores econômicos e sociais modificados, de mãos dadas com as próprias idéias marxistas, inexoravelmente transformarão a sociedade, e tudo o que resistir a êste processo dialético — deverá desaparecer. Não é a idéia pura que vencerá. Idéia pura nem existe. E' a ação do homem — violenta ou pacífica — baseada na concepção «científica» do homem e da sociedade — que criará o mundo nôvo, o paraíso terrestre, feito pelo homem nôvo, que por sua vez será o produto de sua própria ação.

Qual é a ética desta religião do homem? Naturalmente não pode ser relacionada com Deus. Ela é criada pelo homem e serve exclusivamente à sociedade humana. E' possível resumir a ética marxista em uma frase: — Tudo é bom o que servir para a vitória final do proletariado, o que cooperar para o estabelecimento da sociedade sem classes. — Matar poderá ser uma ação moral — se acelerar o processo dialético que culminará com a vitória final do comunismo. Direito em si, direito objetivo, é algo que não existe. BOM e MAU são termos completamente relativos. Honrar os pais — pode ser mau — se os pais forem reacionários. Denunciá-los seria uma obra boa e meritória. O paredão, o campo de trabalhos forçados, as restrições à liberdade humana — embora sejam fatos dolorosos — são necessários e por isso bons, por serem simples etapas no caminho da realização da sociedade sem classes.

A própria verdade deixa de ser algo de objetivo, ela é posta a serviço da causa. Um exemplo típico, noticiado pelos jornais: Em 1959 o chefe do serviço estatístico da China comunista, Hsueeh Mu Chiaui, foi deposto, porque tivera a ousadia de afirmar que a estatística deve refletir a situação real do país, enquanto que o govêrno exigia que os dados estatísticos referentes à produção deviam acompanhar a política oficial do govêrno e servir aos intuítos do partido. O sucessor do ministro deposto, Chia Chi Yuen, seguiu à risca as instruções do govêrno, fêz a estatística «comprovar» a política do govêrno — aliás com resultados catastróficos para a economia do país.

De tôdas as reflexões feitas até o momento decorre que o materialismo dialético transforma o homem em senhor de si mesmo, em senhor da moral, em senhor do futuro. Não há mais uma instância superior, à qual deva prestar contas. Tornou-se o seu próprio redentor.

Para o observador cristão esta antropologia abre perspectivas hediondas. Se os homens forem os senhores da lei, serão também senhores de seus irmãos. Já não são responsáveis perante o santo Deus, nem perante o julgamento objetivo da verdade. Substituindo a Deus pelo homem, necessariamente deverão trocar o Pai de Jesus Cristo, que ama o mundo, por um amo humano — que,

como todos os amos humanos, tende a transformar-se em tirano. Julgamos que só o homem que é responsável perante Deus, o será também perante os seus irmãos.

A direção que tomou a política mundial após a última guerra, revela, em dimensões verdadeiramente apocalípticas, que o «paraíso», criado por mãos humanas, não encerra a grande esperança da humanidade, que antes está criando uma situação que poderá resultar na destruição da civilização humana. Uma bomba com o poder explosivo de 100 mega-toneladas nas mãos de um homem que, segundo a teoria marxista, deve considerar-se o seu próprio criador — representa uma perspectiva verdadeiramente sombria para todo o gênero humano, perspectiva que em última análise só pode ser enfrentada pela oração: — Oh Deus, não permitas que a humanidade louca se precipite no abismo do ódio e da destruição.

Intitulamos o nosso estudo de «análise crítica da antropologia do materialismo dialético». Julgamos que somente sob uma condição temos o direito de criticar o sistema marxista: — sob a condição de não nos excluirmos a nós mesmos do juízo, cujas diretrizes assinalamos nesta conferência. Não pode ser a nossa intenção querermos defender o sistema econômico capitalista, ou a cultura ocidental ou «the american way of living» contra o sistema econômico socialista ou o que quer que o valha. Cumpre assinalar que também o capitalismo criou o «self-made-man» — o homem criador de seu próprio paraíso particular — que não deve responsabilidades a ninguém e que não é menos materialista que o mais ferrenho marxista. Cumpre assinalar que o materialismo ideológico do oriente foi e ainda é em grande parte uma reação ao materialismo prático do ocidente.

O «mundo cristão» em seu conjunto não soube, ou não quis, enfrentar o problema da pobreza, do sofrimento, da injustiça social. Os cristãos chegaram a mortificar a sua consciência, passando de largo, em vez de se identificarem com o seu próximo sofredor. O ateísmo prático existe entre nós tão bem como nos países atrás da cortina de ferro.

Quando a doutrina cristã afirma que foi Deus que criou o mundo e que é Deus que o mantém, não quer dizer com isso que ao homem não coubesse nenhuma responsabilidade quanto à ordem deste mundo. No próprio relato da criação o homem recebe o direito e a tarefa de sujeitar o mundo, isto é, de ser ativo, de trabalhar, de planejar, de organizar, de empregar os seus dons «criadores» em benefício de si mesmo e de seus semelhantes. O fato de êle ter recebido êste direito de Deus, não limita as suas forças, nem amordaça a sua iniciativa. Também o cristão pode dizer que não basta interpretar o mundo, mas que importa que o mundo seja modificado. Lutero diz que a fé é algo de vivo, ativo, solícito. Antes que se pergunte, o que deve ser feito, a fé já o realizou. Mas a fé não realiza o que o orgulho humano concebeu. Ela pergunta pela vontade de Deus. Ela responde à palavra de Deus, torna o homem responsável. E a fé em Jesus Cristo, no qual Deus

se tornou CARNE, no qual Deus se materializou, não resultará em fanatismo cego, pois ela é inseparável do amor — que, conforme as palavras do Senhor — é o distintivo primordial dos discípulos de Cristo.

O que importa, pois, fazer? Nada mais e nada menos do que crer, servir, amar. Professar a fé, combater o erro — e amar os que erram. Inclusive os comunistas, os materialistas, os capitalistas e outros pecadores. Só pelo amor de Cristo o nosso mundo pode ser saneado de sua loucura e de seu ódio.

Como cristãos sabemos que o verdadeiro humanismo está definitivamente e essencialmente ligado ao «Filho do homem», ao homem de Deus, àquele, que foi o verdadeiro homem, nascido da virgem Maria, e também o verdadeiro Deus — nascido do Pai, desde a eternidade. O cumprimento do destino humano não pode, pois, ser encontrado onde Cristo não fôr medida, origem e alvo do humanismo.

Cumprе acentuar que em Cristo Deus se tornou carne (corpo material). Os argumentos do marxismo — que o cristão, olhando para o céu, se torna imprestável para resolver os problemas da terra — deixam de ser verdadeiros, quando a fé cristã não se alimenta de especulações metafísicas, filosóficas, intelectuais — mas quando em Cristo, em Deus, feito homem, o cristão vive a sua fé. Em comunhão de vida com Cristo, seu Senhor, o cristão não poderá ficar alheio ao mundo, às necessidades, aos sofrimentos reais do homem **todo** — não apenas de um ser utópico, que consistiria de intelecto puro.

Decorre de nossas reflexões que os argumentos essenciais contra a antropologia marxista não provêm tanto do arsenal teórico da dogmática cristã, mas que antes consistem na realização da nova vida em Cristo. Os discípulos de Cristo, sendo o sal da terra, aprenderão de seu mestre a tomar a sério os problemas desta mesma terra. Por que os comunistas teriam uma paixão maior pela justiça social do que os cristãos? Haverá algo capaz de ultrapassar a paixão de Jesus pelo homem pobre e sofredor?

Somos de opinião que a Igreja precisa hoje, mais do que nunca, fazer uso de seu ministério profético, de dizer ao mundo, mesmo se fôr preciso escandalizá-lo (inclusive os seus próprios membros), o que seja **JUSTA MEDIDA, JUSTO PREÇO, JUSTO SALÁRIO**. Que esta paixão pela justiça não seja apenas de caráter formal nem de tendências puramente pragmáticas, mas que seja essencialmente ligada ao amor; que se distancie tanto de um paternalismo, que se limita a dar esmolas, como também de um dirigismo por parte do estado que tira a responsabilidade das mãos do indivíduo — onde Deus a pôs.

Não há, pois, necessidade de uma «reação» frente ao comunismo. Praticando a verdadeira essência da doutrina cristã quanto ao homem (isto é, vermos em cada ser humano um irmão ao menos em potencial do Senhor, servirmos a Cristo que se nos aproxima na pessoa do seu «irmão mais humilde») — nunca seremos ho-

mens da reação — reacionários, mas sempre estaremos à frente daqueles que se arvoram em defensores do homem. Não conheço conceito mais «progressista» no campo econômico e social do que a conhecida palavra de Lutero: «O que não provir de serviço, provém de roubo». — Cristo não teve como «roubo» o ser igual a Deus. Esvaziou-se a si mesmo, tornando-se homem igual a nós. Se não aprendermos a seguir a Cristo nesta sua atitude de «identificação» com o homem perdido e condenado, teremos como roubo o que Deus nos deu para serviço, e assim abriremos caminho para o marxismo e sua concepção ateuista do homem.

Literatura consultada: Marx-Engels — obras completas.

Marxismusstudien — artigos de L. Laudgrehe e H. D. Wendland.